

INDISCIPLINA EM SALA DE AULA COMO RESULTADO DE BAIXA AUTOESTIMA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO DO PROJETO REFORÇO SOLIDÁRIO UFPE

Lílian Cristina da Silva França¹
Yasmin Ferreira Pereira²
Júlia Mendonça Seabra da Silva³
Gilson José da Silva Gomes Vieira⁴
Michelle de Freitas Dantas⁵
Roberta Ayres de Oliveira⁶

INTRODUÇÃO

A indisciplina é um grande problema presente nas escolas, o que pode ser evidenciado pelo relatório publicado pela OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) em que foi relatado que 60% dos professores reportaram que mais de 10% dos alunos possuíam problemas comportamentais que afetavam diretamente o ambiente de sala de aula (CNM, 2015). Sabe-se que o sucesso acadêmico é um indicador da qualidade de vida escolar do estudante e que o bem-estar psicológico é relevante nesse processo. Desse modo, a partir dos resultados escolares, julgamentos dos colegas e atitudes dos professores, o autoconceito acadêmico será construído e afetará a maneira como cada discente se comportará e responderá aos estímulos e situações (Prihadi e Chua, 2012). Dessa forma, é possível afirmar que a constante ocorrência de insucesso acadêmico pode diminuir o autoconceito e a autoestima dos alunos e que a indisciplina surge como uma forma de menosprezar os resultados obtidos, trazendo o desinteresse no processo de aprendizagem (Senos e Diniz, 1998).

Logo, uma das formas de lidar com a indisciplina em sala de aula é resgatar a autoestima dos alunos para que eles sejam capazes de acreditar que serão beneficiados pelo processo de aprendizagem. Nesse sentido, o presente trabalho relata a experiência do projeto Reforço Solidário UFPE, em que houve uma abordagem pedagógica direcionada a crianças indisciplinadas e com dificuldades de aprendizado.

¹ Graduanda de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, lilian.franca@ufpe.br;

² Graduada de Licenciatura em Artes da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, yasmin.pereira@ufpe.br;

³ Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, julia.seabra@ufpe.br;

⁴ Graduando de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, gilson.vieira@ufpe.br;

⁵ Graduada de Licenciatura em Química pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE,; michelle.dantas@ufpe.br;

⁶ Professora orientadora: doutora, Centro de Ciências Exatas e da Natureza – Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, roberta.aoliveira@ufpe.br.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Os alunos que participaram do projeto foram selecionados pelas gestoras de duas escolas municipais parceiras, a Escola Henfil e a Escola João Pessoa Guerra. O perfil escolhido foi o de estudantes do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental que iniciaram as atividades de reforço com nível de leitura em estágio pré-alfabetização e sem o domínio de habilidades matemáticas básicas. As aulas de reforço foram ministradas por discentes da UFPE que atuaram como tutores semanalmente por um período de 6 meses.

Decidiu-se por iniciar o processo de reforço a partir de atividades com nível de dificuldade muito mais elementar do que aquele esperado para a faixa etária dos estudantes. O objetivo era que, ao perceberem que as demandas poderiam ser facilmente atendidas, as crianças passassem a acreditar na própria capacidade de acompanhar as aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da montagem das turmas do projeto, percebeu-se que os alunos mais indisciplinados demonstravam resistência quanto à realização das tarefas. Possuíam uma imagem negativa de si mesmos: por mais que fossem solicitados a cooperar, não o faziam, dando justificativas como: *“tia, eu não sei”*; *“não adianta, eu não consigo”*; *“não quero fazer porque eu não sei”*. Às vezes, os próprios colegas menosprezavam uns aos outros: *“tia, ele é burro”*; *“ele não sabe escrever o nome”*. Era muito claro que, em sua maioria, as crianças não acreditavam na própria capacidade. Adicionalmente, a própria presença no reforço era vista por eles como algo negativo, pois, no entendimento deles, reforçava a ideia de não estarem em condições de igualdade com os colegas das turmas de origem no tocante ao desempenho escolar.

Assim, com um intuito de elevar a autoconfiança dos alunos participantes do reforço, as atividades aplicadas começaram com um nível básico, trazendo exercícios em nível de pré-alfabetização, com a apresentação das letras, números e formas, como os observados nas figuras 1a e 1b. Os exercícios e os *feedbacks* construtivos auxiliaram no processo de resgate da autoestima dos alunos. Nesse ponto, a cada pequeno sucesso, os tutores do projeto reforçavam mensagens positivas como *“você consegue”*, *“você é inteligente”*. Dessa forma, os estudantes que estavam resistentes à participação no reforço e com comportamento bastante indisciplinado, aos poucos mostraram progresso e mais interesse nas atividades. Cabe ressaltar que, para um grupo de 6 a 8 crianças, o projeto

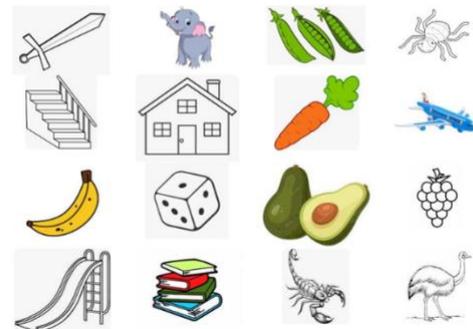
disponibilizava dois tutores simultaneamente. Dessa forma, havia um acompanhamento quase individualizado. As crianças progrediam em ritmo próprio, porém, sem ficar para trás, porque nunca se passava uma atividade nova sem que a criança terminasse a anterior. Adicionalmente, tentou-se estabelecer um padrão de exercícios que se repetia a cada aula. Como resultado, depois de um certo tempo, eles já eram capazes de entender os comandos exigidos e responder os exercícios com mais autonomia. Isso fez uma diferença muito grande porque eles passaram a se enxergar com a capacidade de resolver sozinhos determinadas questões.

Figuras 1a e 1b: Exemplos dos exercícios.



1a

Vamos circular as figuras que tem nome começando com a letra E:



1b

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto atendeu estudantes com dificuldade em acompanhar suas turmas de origem, buscando trabalhar com atividades que auxiliavam no processo de construção da autoestima. Assim, a utilização de estratégias de fortalecimento da autoconfiança melhoraram o interesse pela aprendizagem e, conseqüentemente, o comportamento indisciplinado na sala do reforço.

Palavras-chave: Autoestima na aprendizagem; Indisciplina, Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

CNM. Brasil é número um em mau comportamento na sala de aula, indica pesquisa. 5 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/brasil-e-numero-um-em-mau-comportamento-na-sala-de-aula-indica-pesquisa>.

Acesso em: 29/06/2024.



Prihadi, K.; Chua, M. (2012). Students' Self-Esteem at School: The Risk, the Challenge, and the Cure. *Journal of Education and Learning*. Vol.6 (1) pp. 1-14.

Senos, J.; Diniz, T. (1998) Auto-estima, resultados escolares e indisciplina: Estudo exploratório numa amostra de adolescentes. pp. 1-10.